

A vontade de Deus em Eclesiastes

Eis as palavras de *Cohéleth ben David*, o mestre, filho de Davi, rei de Jerusalém:
“Que grande ilusão! Que grande inutilidade! Nada faz sentido!” *Ec 1:1,2*

O nome *Qoheleth* é traduzido para o português como “Pregador”, e sua tradução para o grego se dá por *ekklesia*, que no Novo Testamento é aplicado tanto para o organismo visível fruto da reunião dos seguidores do Caminho como também o corpo imaterial de Cristo, a Noiva. O Pregador ou Congregador, aquele que reúne a comunidade dedicada ao conhecimento “das coisas de Deus”, após uma vida de busca pelo entendimento reúne sua congregação para relatar a conclusão de sua jornada. Ler o Eclesiastes (derivativo do termo em grego) é ler o que um mestre entendeu sobre todas as coisas, após sua dedicada vida, e a conclusão do sábio é que *nada faz sentido*.

Claramente de autoria de Salomão -- se não pelo próprio punho, pela catalogação de seus ensinamentos orais no Templo --, Eclesiastes tem a ensinar para a Igreja o significado da vida terreal, com um grande enfoque no esforço humano. O Pregador reflete bastante sobre o trabalho, o plantar, o falar, o amar, o enriquecer... enfim, sobre as ações às quais o homem pode se dedicar, e sua conclusão é que tudo é vão. Para o homem carnal, o mais niilista dos livros da Bíblia Sagrada; para a *ekklesia*, instrução sobre a vontade de Deus para seus filhos enquanto forasteiros nessa Terra.

Joia guardada numa gaveta da Igreja, o livro de Eclesiastes sendo negligenciado na Igreja Cristã explica muito da não compreensão dos cristãos quanto à vontade de Deus para cada um de nós. Salomão viveu a vida inteira em busca de compreender todas as coisas, humanas e divinas, e concluiu que a vida terreal é puramente isso, vida terreal. Não há significância transcendental enquanto carnal, sendo todo o trabalho nesta vida relacionado às coisas temporárias. O apóstolo Pedro não chegou em conclusão diferente ainda que na Nova Aliança, quando exortava sua Igreja “*rogo-vos, como estrangeiros e peregrinos...*”; e Cristo não esperava outra coisa quando falou ao Pai “Eu não oro para que tu os tires do mundo, mas que tu os guardes do mal.”; e Paulo “*não olhamos para as coisas que se veem, mas para as coisas que não se veem; porque as coisas que se veem são temporais, mas as coisas que não se veem são eternas.*”; todos eles entenderam que no corpo terreal nós pertencemos ao mundo terreal, trabalhando em tudo o que é terreal apenas para o que é temporal. De tudo o que é ensinado nas Escrituras é claramente ensinado que há dois mundos, dois trabalhos, dois pagamentos, duas realidades. A realidade da Terra, Eclesiástica, e a realidade celestial, Cristã. Aqui encontramos uma confusão à qual pretendo dedicar essa aula, objetivando chegar ao término com todos os ouvintes mais bem posicionados nesta vida.

O trabalho para a Terra e para o Céu

“*Que vantagem tem o ser humano em todo o seu trabalho, em que tanto se dedica debaixo do sol?*” (*Ec 1:3*)

Ao longo de sua exposição, o Pregador não conclui que o trabalho não tem recompensa, ao contrário ele não apenas constata em sua própria vida a recompensa de suas obras como certifica a seus ouvintes que é garantido (e abençoado) ao trabalho sua recompensa. “[...] *o melhor e o que mais vale a pena é: comer, beber, e desfrutar o resultado de todo trabalho realizado debaixo do sol durante os poucos anos que Deus lhe concede, porquanto esta é a sua porção e recompensa. Todo homem a quem Deus concede riquezas e recursos que o tornam capaz de sustentar-se, de receber a sua porção e desfrutar das recompensas do seu trabalho, isso é presente de Deus.*” (5:18,19). A conclusão desalentadora para quem vive para este mundo

é outra, aquela que o Santo Pregador ensinou no Sermão do Monte: *“Não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem os corroem, e onde os ladrões arrombam e roubam. Mas ajuntai para vós tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem corroem, e onde os ladrões não arrombam nem roubam.”*. Aqui pode o Cristão compreender bem a diferença entre a revelação da Velha Aliança e a da Nova. Se em Salomão temos a constatação de que o salário do trabalho é justo e deve ser bebido e comido, em Cristo somos instruídos a preferir o pagamento não em ouro e prata, mas em tesouros celestiais, ainda que nossa mente não possa mensurar o valor dessa recompensa.

A vontade de Deus para a Terra e para o Céu

Quem serve a Deus fielmente preocupa-se com Sua vontade. Fazer a vontade do Pai (Jo 6:38) foi a vontade de Cristo, deve também ser a nossa. Essa preocupação de todo bom filho de Deus é justa, mas penosa quando se defronta com o silêncio do Espírito. Não é raro encontrar na Igreja, pessoas que estão em dúvida existencial na vida cristã, filhos de Deus que ainda não encontraram seu lugar no mundo e perguntam a todo instante: *“O que queres que eu te faça?”*.

Essa pergunta é encontrada no Evangelho de São Lucas, capítulo 18 quando Cristo andando é cercado por uma multidão e em meio a todo o barulho ouve a voz de um que clama *“Filho de Davi, tem misericórdia de mim”*. Jesus pede que tragam o homem e, chegando o cego, Jesus pergunta: *“o que queres que eu te faça”*. Esse questionamento vindo do Filho do Deus Vivo é uma porta de possibilidades aberta, e para Deus as possibilidades são infinitas, mas para o cego não. Ali estavam abertas as possibilidades do Céu e da Terra, *o que queres que eu te faça*, queres ouro, saúde, vida, poder, asas, *o que queres que eu te faça*.

Quando Salomão chegou ao trono, herdou de seu pai Davi um reino pacificado. Não havia do que se ocupar, exatamente por isso pode dedicar sua vida ao ócio criativo de buscar entender o Criador e a criatura. Logo após assumir o trono, Deus lhe aparece em sonho e lhe pergunta *o que queres que eu te faça*. Imagino Cristo a seu lado ouvindo esse diálogo entre seu Pai e o filho de Davi, e como todo filho em um dia futuro repete aquilo que ouviu em sua infância. Teria Cristo repetido ao cego o que ouviu seu Pai dizer a Salomão? Foi a mesma pergunta, o mesmo jeito de falar, a mesma iniciativa... se YHWH aparece para Salomão em sonho, Jesus manda que lhe tragam o cego. É o mesmo Deus indo em salvação do perdido para resgatá-lo e dar a ele *o que quiseres*. Salomão não era cego, tinha olhos para ver as coisas do alto e por isso quando lhe aparece em sonhos aquele para quem nada é impossível, ele não pede que volte a ver, antes clama: *“dá ao teu servo um coração entendido para julgar o teu povo”* (I Rs 3). Quando o cego pede a Cristo que volte a ver, Jesus dá a ele visão; quando Salomão pede sabedoria, o Pai se agrada e dá a ele visão, e riquezas e honra; o que o rei havia pedido e o que não havia pedido, diz o escriba.

Mas há outros momentos onde nós não somos abordados por Deus e nem Ele nos aparece em sonhos, antes somos nós que nos colocamos de joelhos e perguntamos à Divindade *o que queres que eu te faça*. Nesses momentos é comum não ouvir resposta, pois Deus não precisa de nada, quanto mais de nós, miseráveis pecadores e fracos de poder realizar. O cristão sabe que Deus espera dele ação, o próprio IDE é uma ordem que se tornou marca de sua Igreja, mas então por que muitas das vezes como que perambulamos por uma vida que poderia ser preenchida do mover do Espírito, andando em realizações pequenas que não mudam a realidade dos que nos cercam, de nossos bairros, cidades... muitas vezes lutamos e não conseguimos resultado de alteração mesmo de nossas pequenas vidas?

“Eu, Cohélel, o sábio, fui rei de Israel em Jerusalém. Empreguei todo o meu coração a investigar e a fazer uso do saber para explorar tudo o que é realizado debaixo dos céus. Que fardo pesado Deus colocou sobre os ombros dos seres humanos para dele se atarefaem. Examinei todas as obras que se fazem debaixo do sol e cheguei à conclusão de que tudo é inútil, é como uma corrida sem fim atrás do vento!”. Ec 1:12-14

Nem mesmo Salomão em toda a sua glória, sabedoria e riqueza conseguiu acrescentar algo a este mundo. Tanto trabalhou, tanto produziu, até mesmo o Templo do Senhor levantou e termina sua vida ajuntando a congregação e pregando “é tudo uma corrida sem fim atrás do vento”. Não há, conclui o pregador, não há nada a ser feito, já está tudo pronto!

“Então fiquei meditando: ‘Ora, aqui estou eu com tanto conhecimento acumulado que ultrapassa a sabedoria dos meus predecessores em Jerusalém; minha mente alcançou o ponto mais alto do entendimento e do saber. Por esse motivo me esforcei ao máximo para compreender a sabedoria, bem como a loucura e a insensatez; contudo, o que aprendi, de fato, é que isso igualmente é correr atrás do vento.’” 1:16,17

Mas como assim, como pode o mais sábio dos homens percorrer todo o caminho da filosofia e da instrução e concluir que é tudo correr atrás do vento? Qual é então a razão da vida?

“Teme a Deus, e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem” (12:13)

É essa a conclusão do ajuntamento dos crentes, obedeça a Deus pois esse é seu dever.

Nós temos dedicado muito de nossas vidas a entender a vontade de Deus para nós, e a esse “nós” é merecido o reconhecimento de serem abençoados como Salomão foi abençoado diante de Deus, o rei foi parte desse nós e YHWH o recompensou por isso como já vimos acima. Mas hoje vivemos em uma era dos feitos grandiosos, onde homens lançam carros ao espaço, outros alcançam o topo da carreira no mercado financeiro, um outro é o homem mais veloz do mundo e uma jovem chega ao primeiro milhão antes de chegar à maioridade. Esse mundo de feitos impossíveis alcançou muitos jovens na Igreja, e esses jovens perguntam a Deus “o que queres que eu te faça” e esperam ouvir de Deus “conquiste o mundo!”, “salve milhões de almas”, “conquista a paz entre as nações”, “seja grande!”, e tudo o que ouvem é o silêncio.

“Pedis, e não recebeis, porque pedis mal”, percebeu o irmão do Senhor (Tg 4:3), ele sabia como seu Irmão pensava, conhecia suas afeições, sabia tocar seu sagrado coração em prece pois havia se amoldado a Ele. *“[...]pedis mal, para consumirdes em vossos deleites”* advertiu o apóstolo. Precisamos entender um ponto vital do Cristianismo, o que Deus quer de nós é que voltemos a Ele, caminemos rumo à cruz para sermos mortos! Deus nos ama com um amor que não pode ser compreendido pela mente humana, Ele anseia pela reunião de seus filhos junto a si, seu sentimento é muito maior do que o de um pai que vê seu filho sair em viagem, ele está distante de nós desde o nosso nascimento, e tudo o que o Pai quer é nos encontrar pela primeira vez, e isso só acontecerá após percorrermos todo o Caminho!

Jesus dizia às multidões que o seguiam “Se alguém deseja seguir-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz dia após dia, e caminhe após mim. Pois quem quiser salvar a sua vida, a perderá; mas quem perder a sua vida por minha causa, este a salvará.”. Para onde Cristo caminhou? Qual foi o seu fim? O Gólgota. Iremos segui-lo até o fim? Quem for, pegue sua cruz porque o Gólgota é lugar de crucificação e lá não tem uma cruz para você, cada um deve levar a sua e encarar o seu fim.

Fernando Melo
Brasília, 5 de maio de 2021.